

Inhambane

Disseram-me (eu era criança) que quer dizer "sejam bem-vindos". Não sei se é verdade, sei que quem o disse estava noutra mundo. Fala-se bitonga, por ali. Mas isso é agora, há 500 anos não sei. A mulher de um primo, descendente de italianos, disse-me, no Rio de Janeiro: quando vocês foram para Moçambique, que barbaridades lá fizeram! Eu respondi que não fui para Moçambique: nasci lá, como ela, de família italiana, também não "foi para" o Brasil: nasceu lá. Os trilhos que a história andou inventaram estas situações: tenho um amigo de infância branco, nascido em Luanda, vive em Moçambique e tem passaporte moçambicano. Quando será possível entender que se pode amar uma selecção nacional, dar a volta a um estádio como fez a negra May, com a bandeira italiana, numa felicidade real, com a alegria de Eusébio porque Portugal vencia, chorando quando Portugal perdeu, como fez Carla Sacramento, campeã mundial em Atenas?

Se ultrapassarmos os miseráveis ódios com que alguns nos governam, seremos um animal melhor. Talvez não chegue nunca esse dia, talvez já chegue tarde demais.

Disseram-me no Chile que o país é grande, porque mais de 2 milhões de Km² da Antártida lhe pertencem! Não respondi, mas parece-me que esse Continente não "pertence" a países que o tenham dividido com fronteiras, tropas, postos de controlo de passaportes, coisas que servem para que as pessoas suspeitem umas das outras... Saberemos responder ao homem velho, muito velho, esfarrapado, que de mim, da minha mulher e do médico Rocha Paulo se aproximou, numa rua de Díli, e nos beijou as mãos, sem dizer palavra, num movimento tão rápido que não podíamos evitá-lo?

A história dos homens não é feita por eles. É feita por todos os monstros que os habitam. Há tudo aquilo que impede que nos entendamos, a necessidade de falar em "nós" e nos "outros"; precisamos de bandeiras, se não há países há quem mate por clubes. Precisamos de tirar a vida, achamos que exibimos superioridade cada vez que fuzilamos alguém e filmamos, exibindo o ser humano morto, símbolo da derrota absoluta, supremamente humilhado, meio desnudado, com buracos de balas, moscas na face. Fizemos isto sempre. Mussolini, Guevara, Ceausescu, Jonas Savimbi. Por piores que pudessem ter sido considerados, é infinitamente triste a exibição dos seus corpos. Essa humilhação total que gente que se diria diferente lhes fez, humilha-nos afinal a todos, torna-nos cúmplices da impiedade mesmo perante a morte, afinal aquilo que mais tememos e a todos atingirá um dia.